

## Editorial

O presente número da *Revista Estudos Hegelianos* reúne contribuições do VI Congresso internacional da Sociedade Hegel Brasileira, que ocorreu em 2011 no Rio de Janeiro, sob o título “200 anos da “Ciência da Lógica” (1812)”. Portanto, o número dedica-se exclusivamente à *Ciência da Lógica* de Hegel, e isso sob um aspecto específico: As seguintes contribuições focalizam questões meta-lógicas e metodológicas acerca da disciplina que Hegel considerava fundamental para seu sistema. Duzentos anos depois da publicação da *Lógica do Ser*, muitas dessas questões ainda estão longe de estarem suficientemente elucidadas, e a questão “O que é a Lógica de Hegel?” ainda não encontrou nenhuma resposta que seja unanimidade entre os intérpretes de Hegel.

A observação de que nos seus esboços ienenses do sistema Hegel ainda denomina a disciplina fundamental do seu sistema de “metafísica”, e não de “lógica”, é o ponto de partida da contribuição de W. Jaeschke. Nessa fase, Hegel ainda concebia a lógica como uma disciplina propedêutica de caráter crítico-negativo. Que Hegel finalmente abandonou a denominação “metafísica”, denominando a parte fundamental do seu sistema de “lógica”, segundo Jaeschke é o resultado do desmoronamento da disciplina que ele inicialmente concebia como metafísica. Esse processo seria uma consequência do fim da metafísica inaugurado por Kant, e da sua substituição pelo “sistema da razão pura”. Por isso, Jaeschke sugere interpretar a *Lógica* como a análise pormenorizada dos conceitos puros que o próprio Kant ainda não deu na *Crítica da Razão Pura*. Nessa perspectiva, a *Lógica* de Hegel seria uma doutrina acerca das categorias que, segundo Jaeschke, possui muita afinidade com a de Nicolai Hartmann, na qual também as categorias são entendidas como condições epistemológicas e, ao mesmo tempo, ontológicas.

Como Jaeschke, Eduardo Luft parte da pré-história da *Ciência da Lógica* nos esboços ienenses do sistema. O fato de neles Hegel ter concebido a lógica como uma disciplina propedêutico-crítica, segundo Luft revela a motivação kantiana que estava presente no projeto hegeliano da *Lógica* desde o início: A *Crítica da Razão Pura* era vista pelo próprio Kant como uma ciência crítica e propedêutica. Segundo Luft, a lógica de Hegel deve ser vista como radicalização da reflexão crítica kantiana que, ao problematizar todas as determinações do pensamento, supera as próprias bases da filosofia transcendental a partir de dentro. Segundo Luft, considerar a reflexão crítica como o momento nuclear da *Ciência da Lógica* exige abrir mão da ideia da fundamentação última do saber e da teleologia do absoluto que, sem dúvida, cunham a compreensão de Hegel do seu próprio projeto. A “liberação do potencial crítico” da *Lógica*, sugerida por Luft, substitui a o projeto de um movimento de fundamentação última pela ideia de um movimento auto-crítico do pensamento que não se consome, e um falibilismo universalizado.

A contribuição de Konrad Utz também ressalta a continuidade da *Ciência da Lógica* com o projeto crítico de Kant. Concordando neste ponto com Jaeschke, Utz também defende a visão da *Lógica* como um sistema de conceitos aprióricos que pode ser

entendido como uma transformação do projeto kantiano da *Lógica Transcendental* e na qual a compreensão meramente epistemológica (ou “subjetivista”) desses conceitos, adotada por Kant, é superada. No entanto, Utz busca elucidar o caráter específico da *Lógica* de Hegel ao retomar uma concepção da filosofia contemporânea: A ideia da semântica inferencial de Robert Brandom, cuja tese central diz que há relações inferenciais entre conceitos, e que estas relações são constitutivas para conteúdo dos conceitos. Segundo Utz, podemos entender a *Lógica* de Hegel como uma investigação acerca das relações inferenciais entre conceitos aprióricos. A tese de Utz tem a implicação interessante de que, segundo ela, conceitos meta-lógicos como o da contradição ou da suspensão, que costumam ser empregados para caracterizar a “dialética” de Hegel, devem ser entendidos a partir de – ou talvez até substituídos por – conceitos que caracterizam relações inferenciais entre conceitos.

Um problema central nas discussões sobre a *Lógica* de Hegel é a questão da função das “reflexões exteriores” que, em partes preliminares e em observações, acompanham o desenvolvimento imanente das determinações lógicas. J. Pertille argumenta que a reflexão exterior é um elemento essencial da *Ciência da Lógica*, por elucidar determinações fundamentais que estão presentes em todo e qualquer desenvolvimento lógico. Adotando uma distinção introduzida por D. Henrich, Pertille caracteriza essas determinações como meta-lógicas, em contraste com as determinações lógicas, que são momentos específicos do desenvolvimento conceitual. A tese central de Pertille é que o conceito de *Aufhebung* (“suspender”, ou “suprassumir”), que Hegel explicita numa observação no contexto da primeira transição especulativa do texto, é uma determinação fundamental ou meta-lógica. No entanto, esse *status* do conceito não deve ser entendido no sentido de uma determinação transcendental ou formal, que pode ser entendida independentemente das suas concretizações contextuais.

A *Lógica* de Hegel não é uma teoria do pensamento no sentido de uma atividade subjetiva, que Hegel aborda na filosofia do espírito subjetivo, em particular, na *Psicologia*. A contribuição de E. Magri busca mostrar que, apesar da diferença entre lógica e psicologia, há uma correspondência filosoficamente significativa entre ambas. Mais precisamente, a tese de Magri é que há uma correspondência entre a transição da essência ao conceito na *Lógica* e a passagem da representação ao conceito na *Psicologia*. Magri vê a característica das determinações da essência no fato de que nelas o ser desenvolve uma auto-referencialidade que é inseparável da relação com o outro. No entanto, argumenta Magri, na *Psicologia* a memória tem uma função análoga, na medida em que ela é constitutiva para o pensamento enquanto atividade interna e auto-referencial do uso de signos que se refere a objetos. E nos dois casos a suspensão da respectiva esfera na passagem ao conceito resp. ao espírito subjetivo é concebida como superação da alteridade operante nela, ou seja, como transição a uma auto-referencialidade que abrange seu outro. A contribuição de Magri é importante por não só elucidar um aspecto fundamental da estrutura da *Lógica*, mas ao mesmo tempo sua relação com a filosofia do espírito.

A questão da relação entre o método da filosofia e o da matemática, e, em particular, da geometria, é uma das questões centrais nas discussões pós-kantianas em torno do método da filosofia. Enquanto que Kant – já na sua fase pré-crítica – enfatizou a diferença fundamental entre os procedimentos matemáticos de demonstração e o método próprio da filosofia, um dos seus principais comentadores, J.S. Beck, aproximou a metodologia da filosofia à da geometria. Essa aproximação do método filosófico à demonstração geométrica foi reforçada pela concepção fichtiana da intuição intelectual como fundamento da filosofia, a tal ponto que Fichte até caracteriza a filosofia como “*mathesis* da mente”. F. Nolasco reconstrói a crítica hegeliana desta tendência na metodologia pós-kantiana da filosofia como um pressuposto negativo que subjaz já ao seu começo com o pensamento indeterminado do ser. Nolasco mostra que a rejeição hegeliana da metodologia “intuitiva” que se orienta pela geometria está intrinsecamente ligada a uma concepção forte da autodeterminação do pensamento.

Agradeço à organizadora do VI Congresso Internacional da Sociedade Hegel Brasileira, Márcia C.F. Gonçalves (UERJ). Pela revisão técnica dos trabalhos reunidos neste número, agradeço também a Luciano Carlos Utteich (Unioeste), Luiz Fernando Barrére Martin (UFABC) e Fábio Mascarenhas Nolasco (Doutorando/Unicamp).

Christian Klotz (UFG)

Editor